

DEFESA DE ESPINHO

HOJE: 14 PÁGINAS

DIRECTOR: FERNANDO BARRADAS • FUNDADOR: BENJAMIM COSTA DIAS • SEMANÁRIO - ANO 49.º - N.º 2589 - QUINTA-FEIRA, 12 DE NOVEMBRO DE 1981 • PREÇO: 10\$00

Ainda se vive em «bairros de lata» às portas da nossa cidade...



...mas a Câmara esbanja 70 mil contos num campismo!

Numas dunas, um quilómetro a sul da zona central da cidade, fomos encontrar um «bairro de lata» servindo de «lar» a cinco famílias que tiveram, mas já não têm, a esperança de algum dia vir a possuir uma habitação condigna.

Para estas famílias, as portas de conjuntos habitacionais ditos «sociais» estão fechadas, como se pode ver na página 3, onde se contam dramas que quem esbanja 70 mil contos num parque de campismo supérfluo certamente não conhece... ou, em nome de objectivos escuros, finge desconhecer...

Aliás, de um inquérito que elaborámos junto de responsáveis das unidades hoteleiras

locais acerca da «fogueira» de dinheiro chamada Sales, mais uma vez concluímos que, para além da perseguição política evidentemente subjacente, há igualmente uma má política de turismo por banda dos responsáveis locais pelo sector, como se pode verificar na página 2 desta edição. Edição que também revela, na página 6, o resultado da vistoria feita ao campismo construído pela Solverde e reversível para a Câmara, que foi considerado «um conjunto de bom nível e classificado de 4 estrelas». Mais uma razão para provar que a construção do campismo de Sales é, tão-só, um esbanjar de largas dezenas de milhar de contos.

Eanes e Balsemão entre nós?

O Presidente da República e o Primeiro-Ministro poderão deslocar-se a Espinho por ocasião do Congresso de Otorrinolaringologia (ramo da medicina que se ocupa dos ouvidos, nariz e laringe), que no Hotel «PraiaGolfe» decorrerá de 5 a 8 de Dezembro próximo.

Pelo menos a presença do dr. Francisco Pinto Balsemão é tida como praticamente certa, esperando-se que o gen. Ramalho Eanes também aceda ao convite que lhe foi endereçado.

Entretanto, o Hotel «PraiaGolfe» será também palco da Mocap/82, que decorrerá naquela unidade hoteleira entre 11 e 13 de Janeiro do próximo ano.

A Mocap/82 promete ser ainda mais concorrida que a edição de 81, que também decorreu no «PraiaGolfe», como se sabe. Pelo menos, o número de expositores aumentará de 90 para 120 ou 130 e Espinho será autenticamente invadida por homens de negócios nacionais e estrangeiros.

Voleibol do Sp. Espinho

SEGUNDA
ELIMINATÓRIA
DA
TAÇA DAS TAÇAS
QUASE
NAS MÃOS

DESPORTO



• ESTRADA DA GRANJA TAMBÉM

PINHO • ESPINHO • ESPINHO • ESPINHO • ESPINHO • ESPINHO

ÀS VEZES É MELHOR ESTAR CALADO...

Quem disse, senhores do órgão do PC em Espinho, que os 70 mil contos que vão ser despendidos no parque de campismo de Sales não podiam ser aplicados em habitação?

Está certo que ninguém é enciclopédia, mas dar à estampa a ignorância de maneira tão arrogante, isso não se faz. Caíram apenas no ridículo...

Fiquem pois a saber, senhores assalariados do MEU ou de outras estruturas do Estado, as quais todos nós aguentamos com os impostos que pagamos, senhores que trabalham 4 ou 5 horas por dia e que, por isso, têm tempo para escrever disparates, que o Conselho de Inspeção de Jogos poderia, efectivamente, destinar essa verba para habitações. Com isto se prova, meus senhores, quem afinal não tem dentes para as tais nozes... lembram-se?!

Quanto ao facto de defendermos o dono do jornal, sempre lhes diremos que o «DE» pertence à Empresa de Publicidade de Espinho, cujas cotas, na sua maioria, pertencem à Solverde, da qual pelo menos um de vós é accionista. Logo, meus senhores, vistas as coisas pelo vosso ângulo, estamos a defender também os vossos interesses.

Mas a propósito de interesses, importa salientar que a nossa posição, que é a dos pescadores, com opiniões livremente manifestadas (sem qualquer incitativa a uma dada resposta, como podemos provar com a gravação do inquérito), é também a das pessoas que vivem do turismo, é de toda a população, à excepção de uma insignificante minoria que, com poderes (incluindo o quarto) vive para a má-fé, escondida em ideias políticas.

Ademais, se defendéssemos interesses de A, B, ou C, como propalam à falta de argumentação válida, fá-lo-íamos correctamente, já que num país livre, a perseguição política não tem sentido, como devem concordar. E trata-se disso mesmo, meus senhores.

De resto, achamos reles a vossa teimosia em calcar aos pés a deontologia. Certo que não são profissionais, mas conhecem o código de conduta de quem escreve em jornais, ou deviam conhecê-lo. E só se detém em apreciações ridículas sobre o trabalho dos outros, quem nada de válido tem para escrever ou quem, vivendo numa democracia e gozando dos favores dessa democracia, não aceita as ideias dos outros, afinal como reflexo da ideologia totalitária que endeusam.

Acrescentaremos que a batalha da razão, nunca se perde. Sales pode avançar, os 70 mil contos podem ser esbanjados, mas a posição deste jornal, e da população, ficará marcada. Os vindouros cuspirão na campa de quem abusou dos poderes que lhe foram conferidos.

CAMPISMO DE SALES

— MÁ POLÍTICA DE TURISMO

Continuamos, nesta edição a recolher opiniões sobre o esbanjamento de 70 mil contos na construção de um parque de campismo em Sales.

Hoje, ouvimos responsáveis pelas duas principais unidades hoteleiras da cidade e das suas declarações concluímos que este parque surge como mais uma consequência da má política de turismo dos responsáveis locais pelo sector.

Para José Pedro, director do Hotel «Praia-Golfe», a maior e melhor unidade hoteleira da cidade, «não se justificava, para já a construção de outro parque de campismo», o de Sales. «Assim como não se justifica a continuação em funcionamento do mini-parque junto à feira semanal. Aquele terreno poderia muito bem ser aproveitado para outros fins: zonas verdes, parque para crianças, zona desportiva, etc.», uma vez que está concluído o campismo da Solverde.

Quanto a este último, disse-nos que «aproveitaram muito bem o espaço à entrada da cidade. Só por isso, poderá oferecer boas condições aos seus visitantes».

A construção de um outro parque de campismo traz também, e como é evidente, prejuízos para as unidades hoteleiras da cidade. «A hotelaria sofrerá a bom sofrer. Abram eles muitos parques de

campismo e depois vejam o que acontecerá» — diz.

Aliás, a construção deste parque de Sales surge como resultado de uma má política de turismo, pela banda dos seus responsáveis locais. Para José Pedro, o turismo em Espinho precisa de ser urgentemente repensado

«É necessário que o posto de turismo seja dotado de técnicos especializados e tenha as condições necessárias para se prestarem todas as informações e apoio ao visitante, seja ele estrangeiro ou nacional. O actual posto de turismo não funciona, nem nunca funcionou» — afirma, prosseguindo:

«Ainda agora vamos estar presentes nas «Work-shops» na Galiza e se a Câmara Municipal de Espinho não enviar, como todas as outras autarquias convidadas o fizeram, uma representação a Espanha, representação essa que promova a passagem de diapositivos, projecção de filmes e montagem de bancas de propaganda, não seremos nós, Hotel «Praia Golfe», que o faremos, pois não nos cabe a responsabilidade de fazermos publicidade da nossa terra. Claro que se estivermos à espera que os responsáveis pelo turismo local façam algo para a sua promoção, isso nunca acontecerá. Se temos de ser nós, fazemos apenas a nossa propaganda. Pagamos os nossos impostos para o turismo, que são altos e o que se constata é que não temos benefícios nenhuns».

Acerca do dispêndio de 70 mil contos no campismo de Sales, considerou ser útil aplicá-los no turismo, mas outros melhoramentos muito mais necessários:

«Com 70 mil contos, vários melhoramentos poderiam ser feitos a curto prazo: limpeza da Barrinha, arranjo do campo de tiro, dinamização do Aeroclube, de modo a torná-lo à altura de receber qualquer tipo de aeronaves. Terreno existe, pista também, haveria é que dotá-lo de outros melhoramentos e acessos dignos. A cidade poderia ainda ser mais limpa. Os nossos acessos são uma miséria, principalmente as entradas da cidade. Não temos placas de sinalização, nem de aproximação da cidade e pontos de interesse que ela contenha. Se tais placas existissem nas entradas da cidade, elas «obrigavam» o turista a vir ao centro. Assim, limitam-se a passar por Espinho, e só passar».

Para José Pedro, o turismo «não funciona» em Espinho. «Muito mais se poderia fazer por ele. A cidade tem condições, mas são necessários técnicos e infra-estruturas para se fazer o que é de imperiosa necessidade. Finalmente, a necessidade de um bom desdobrável turístico de informações, como os que existem noutras cidades. Os nossos desdobráveis estão muito ultrapassados».

Por seu turno, o gerente do Hotel «Mar Azul», o sr. Mourinho

manifestou a opinião que os dois parques que temos já chegaram ou, pelo menos, remedeiam.

Referiu, entretanto, que o pouco progresso turístico de Espinho se deve a obras praticamente todas da iniciativa privada.

«Agora já se vai fazendo alguma coisa, como esse apartamento-hotel que estão edificando, embora isso seja ainda pouco», disse.

Não deixou, contudo, de notar que hoje em dia tanto a Póvoa como a Figueira têm progredido muito mais turisticamente. E se é certo que, como afirmou, a recuperação da praia nos pode trazer de novo o título de «Rainha da Costa Verde», título esse que nos foi «usurpado», há ainda muitos aspectos que prejudicam o turismo como o comboio a atravessar o centro da cidade, o péssimo estado dos acessos à cidade, a falta de placas de informação turística, etc.

«Os turistas estrangeiros gostam de Espinho, mas que lhe oferecemos? Quase nada, tirando o casino e um cinema que é impossível frequentar-se devido à presença de certos malcriados».

E porque não damos nós ao turista aquilo que ele gosta? A resposta sugere uma outra, que por seu turno provoca uma terceira, que esbarra numa exclamação. Que todos já fizemos, mas que a «surdez» de quem segura o «cavalo» — poder impede de escutar.

O REGRESSO DOS GRANDES «SENHORES» ...AO «HOTEL» CUSTÓIAS!

UMA HISTÓRIA QUE NÃO FOI HISTÓRIA COM PERSEGUIÇÕES E NÃO SÓ...

Pelas 22 horas e 20 minutos do passado dia 30 de Outubro, na estrada do Campo de Golfe, no lugar da Marinha, em Silvalde, foi preso pela Polícia de Segurança Pública de Espinho, José Renato Dias Capela, «o Russo», solteiro, 23 anos de idade, sem profissão, e residente na Ponte de Anta por, juntamente com mais quatro comparsas, ter assaltado na via pública, em lugar ermo, outros dois jovens.

As «vítimas» que eram Carlos Pedro Cerveira da Silva, de 15 anos, e Aureliano Pedro Bragança, de 18 anos, ambos naturais e residentes em Estarreja, foram assaltados pelo referido malandrim e restantes «amigos do alheio», que se puseram em fuga, depois de terem atacado e furtado os citados jovens, tendo sido o valor do furto 18 mil escudos.

A PSP, que estava na sua ronda normal, junto ao apeadeiro da CP, em Silvalde, foi reclamada pelos assaltados, tendo um dos agentes capturado o Renato, depois de perseguição que lhe foi movida.

Depois de preso, o Renato denunciou todos os restantes assaltantes, com excepção de um, mas a PSP, neste momento, encontra-se no bom caminho, para a sua detenção.

Os outros capturados foram: José Dias dos Santos, «o Tozé», casado de 24 anos, sem profissão, morador no Bairro Piscatório, casa n.º 21, e José Maria Ferreira Pinto Garranas, «o Zé Pierre», casado, de 27 anos, electricista, morador na casa 43, do mesmo Bairro. Estes dois, mais tarde, denunciaram ainda, Júlio Ferreira, «o Julinho», solteiro, sem profissão, 22 anos, morador na Rua 62 n.º 187, faltando, portanto, apenas capturar um elemento desta quadrilha.

Todos os assaltantes eram cadastrados e uns «senhores» no «gamanço». Entregues pela PSP de Espinho, ao JIC (Juiz de Instrução Criminal), recolheram todos a Custóias. Só o «Zé Pierre» é estreado naquele estabelecimento prisional. Assim, temos que, quanto ao «Russo», ao «Tozé» e ao «Julinho»,

assistiu-se ao regresso dos «grandes senhores» ao «hotel» de Custóias, para gozarem umas merecidas «férias».

O «FAÍSCA» TEVE AZAR

José Manuel Pereira Laranjeira, conhecido por «Fáisca», solteiro, sem profissão, de 19 anos, morador, no lugar da Ponte, em Silvalde, foi encontrado no interior da residência de Maria Grivelina Teixeira dos Santos, esposa de Fernando Meneses, à Rua 18 n.º 657, nesta cidade, em pleno dia, a roubar.

O «Fáisca», num belo dia de sol, resolveu entrar, pelas traseiras, na referida residência, e teve «galo», pois foi surpreendido pela proprietária, que o capturou. Reclamada a PSP, o «Fáisca» foi entregue ao Juiz de Instrução Criminal.

CONDUZIA AUTOPESADO SEM ESTAR HABILITADO

A Polícia de Segurança Pública capturou Firmo Ferreira Henriques, casado, mecânico, de 29 anos, e residente na Rua 9 n.º 300, quando este conduzia um camião, autopesoado de carga, matrícula CE-90-99, pertencente à Sociedade Industrial de Cortegaça, sem que estivesse habilitado para o fazer.

Entregue no Tribunal da Comarca de Espinho, o Firmo Ferreira foi condenado na pena respectiva para estes casos.

ATROPELAMENTO GERA 3 FERIDOS

Junto ao Parque de Campismo, na Av.º 24, a moto 2 ESP-28-96, conduzida por Manuel Gomes da Rocha, casado, de 58 anos, morador na Rua da Igreja, n.º 103, em Guetim, atropelou o peão Armando Rodrigo Jesus Silva, de 33 anos, solteiro, cantoneiro da Câmara Municipal do Porto, e residente no Bairro do Lagarteiro, Bloco 7, entrada 155, naquela cidade.

O Manuel Rocha seguia juntamente com sua esposa, Ermelinda Monteiro de Oliveira, e ambos sofreram danos corporais, tal como o atropelado.

PESSOAIS

NASCIMENTOS — Carmen Dolores, filha de Américo Pinto e de Ana Marques, no dia 24; Nuno Miguel, filho de Alberto Oliveira e de Maria Natalina, no dia 25; Neuze Marina, filha de Afonso Rodrigues e de Luísa Fernandes, no dia 29; Esmeralda Sofia, filha de José Cabeleira e de Ana Fernandes, no dia 30; Nilsa Monteiro, filha de Manuel Monteiro e de Guilhermina Rodrigues, no dia 24, todos em Outubro; Miguel José, filho de José Ferreira e de Maria Madalena, no dia 4 de Novembro.

CASAMENTOS — Albano Silva e Ana da Conceição, no dia 24; António Marques e Maria Carmen, no dia 30; Carlos Capela e Maria Luísa, no dia 30; António Salvador Almeida e Marília Diogo, no dia 30; José Laranjeira e Maria Alice, no dia 31, todos em Outubro; Augusto Sousa e Maria Chaves, no dia 5 de Novembro.

ÓBITOS — José Pereira e Sá, 60 anos, casado, no lugar da Estrada, Paramos, no dia 2; António de Oliveira Soares, solteiro, 58 anos, no lugar de Bussós, Guetim, no dia 4; Manuel Fernandes Pereira, 31 anos, casado, na Av.º 8 n.º 1442, em Espinho, no dia 4; Adelino Oliveira Zenha, Casado, 72 anos, na Rua 62 n.º 631, no dia 5.

CASOS

UNA tribuna

na TRIBUNA tribuna TRIBUNA tribuna TRIBUNA

AGOSTINHO
ALMEIDA

ESTRUTURAS PRECISAM-SE

O TURISMO QUE TEMOS E O QUE QUEREMOS (1)

O atrofamento de vasta área turística de Espinho tem sido um facto incontroverso. Toda a gente o comprova e comenta, inclusive a própria Imprensa. Como suporte desse definhamento, está a degradação da praia, imposta pelo Oceano, ante os olhares atónitos e atarantados das pessoas, com a eversão constante dessas marés insubmissas. Outrossim, as estruturas baquearam, provavelmente por desânimo, curvando-se sobre a sorte preversa que de perto nos persegue.

Entretanto, 1981 é com certeza o ano que se afigura de autêntico «volte-face» técnico, de autêntica reversibilidade dos tempos áureos, que Espinho desfrutava aquém e além fronteiras, só que, obviamente, num estilo bastante mais sofisticado, como se impõe na época em que vivemos. Ao dizermos «volte-face» técnico, referimo-nos concretamente à afirmação dos responsáveis pelas importantes obras em curso, nomeadamente a básica construção da defesa da costa espinhense, onde assentam as maiores esperanças de uma página nova para Espinho, em que os técnicos garantem a recuperação das praias degradadas, na parte central, outrora as mais frequentadas, por camadas de variadíssimas élites.

Foi a construção do Grande Casino de Espinho, que apesar de não apresentar arquitectura de linhas agradáveis, pecando igualmente por falta de umas varandas, se impõe como o maior de toda a Europa. São igualmente os centros comerciais Praiagolfe e Solverde, o próprio hotel e a urbanização circundante, que marcam um arranque muito promissório.

Por outro lado, as importantes obras de defesa da praia, a cargo da conhecidíssima «Somague» em que o próprio Governo aposta na defesa definitiva da costa e recuperação das praias centrais, restituindo os areais, vem trazer justificado alívio às populações e ao próprio turismo nacional.

Mesmo de frente do novo edifício do Casino, está a erguer-se com ritmo acelerado, um imponente «apart-hotel», com cerca de 15 pisos, cafés e o gigantesco centro comercial, imprimirão o colorido que se deseja e começava a fazer sentir-se com a inadaptação do antigo edifício do Palácio Hotel, em adiantado estado de degradação.

O tradicional «picadero» irá renascer, após a construção destes edifícios, com feição sofisticada, muito embora o público transmissor espontaneamente, os seus «passeios» para a nova urbanização da beira-mar, substituída pela perda temporária da Avenida 8, do já intencionalizado e casamenteiro «picadero», cujas voltinhas, em redor das extensas esplanadas dos cafés, sob a música suave, transmitida naquele cenário oriental das palmeiras, pela cabina de som, era já um cartaz portentoso de que Espinho se podia gabar e propagandear.

ESTRUTURAS PRECISAM-SE COM TODA A URGÊNCIA

Já distantes da euforia da época banhar, desconhecemos se os autarcas responsáveis meditaram na subpromoção turística que Espinho atravessa e que poderá conduzir, pogrressivamente, ao descalabro dessa área, atentando contra as incontáveis potencialidades, que dispõe.

Não se pode menosprezar que grande parte do progresso que hoje está patente aos olhos de quem presencia, se ficava a dever ao mar, muito embora reconhecemos que ultimamente tem sido também um mau padrasto. No entanto, aqui reside a mole real do desenvolvimento e desanuiamento económico que se pretende para que a vida local, nomeadamente os característicos negócios que vivem do turismo. Mas que tipo de turismo será o mais conveniente?

Tal como o negócio industrial — o turismo é também uma indústria — a gestão adequada encaminhará, dentro das linhas mestras, à procura de mercados externos mais vastos, que consumam por custos mais racionais o que produzimos.

Mas não basta o querer, é necessário também criar-se condições de operacionalidade para a implementação de um turismo personificado, onde os idiomas se confundam com naturalidade, as pessoas se sintam à vontade pela abundância de requisitos, com algo de positivo e marcante na matéria, segundo a linha de orientação que se pretende.

O «turista» de garraão também terá o seu lugar, mas obrigá-lo a uma sensibilização a que não está habituado, deixará de ter a oportunidade de se banquetear nos passeios e na fina areia da praia, fazendo desastar o seu caixote do lixo, após farta comestiva. Apenas será de exigir por alguém uma definição cívica, não tolerando usos e costumes até então tolerados pela degradação das próprias estruturas, incomodando quem goza tranquilamente as suas férias, numa descontração quase total.

Dentro das probabilidades da oferta e da procura, o turismo de exportação é o único que prova a promoção rápida dum localidade, motivo de preferência e do empenho da maioria das estâncias, mormente do sul, que motiva um esforço constante.

Claro que não temos as condições de privilégio que os algar-

vios dispõem, mas poderemos também contrariar um pouco as situações adversas, adoptando uma estratégia, especialmente arquitectónica, que nos permita evitar sobremaneira as nortadas, por exemplo, etc., etc.

1981 COM ELEVADO NÚMERO DE CARÊNCIAS

A crítica foi unânime em afirmar que o ano em curso foi de um negativismo ímpar, no campo turístico. Pecou-se pelo desinteresse evidenciado na exploração banhar, que continua nequelo ritmo meio inconformista com a situação adversa em que vivemos. Talvez a negligência aliada à falta de conhecimentos básicos para coordenar o importante pelouro de Turismo, dita à evidência dos factos, um ano para esquecer.

Espinho necessita de condições mínimas para uma exploração condigna da matéria turística. Sem essas satisfeitas, toda a propaganda dentro e fora do país, todo um embandeirade sucessos, com uns «slides» mais ou menos requintados, pecando pela desactualização, nos postais ilustrados e exibidos nos ecrãs dos cinemas, parece-nos de certo modo exagerados e desproporcionados.

É necessário — isso sim — criar-se uma página nova, começando a sua ilustração cuidada, voltando os olhos para ela, com muito querer, bairrismo e responsabilidade para que o sucesso se vislumbre, a curto prazo. Só assim os resultados aparecerão, com compensação dos esforços.

Várias obras vultuosas estão em curso, como toda a gente sabe e acompanha entusiasmada. Entretanto, mesmo de frente do futuro «part-hotel» existe um quarteirão bastante degradado, a cair de maduro, com plantas crescidas nos telhados, caleiras penduradas e mais um sem número de anomalias que não servem nem os moradores nem a nossa terra, patenteando desmazelo, uma incúria de bradar aos céus. Seria para demolir já antes do 25 de Abril de 74, mas volvidos 7 anos, tudo se encontra na primitiva forma, a desafiar a própria Natureza, de que começará a desintegrar-se. Isto em pleno centro turístico!!! Este decréscimo de personalidade da orla marítima espinhense, paralelamente com o baixar dos braços dos responsáveis, «deixando correr», redundam num quase exclusivismo de turismo para uso interno e regional. Mesmo assim, as estruturas ruíram. O ambiente deteriorou-se, com a proliferação de vendedores ambulantes, que ocupam literalmente a esplanada, num total desrespeito e anarquia, complementarizando a pobreza do nosso turismo, transformado em feira e já de si enegrecido por múltiplas carências.

(CONTINUA)

ÀS PORTAS DA CIDADE

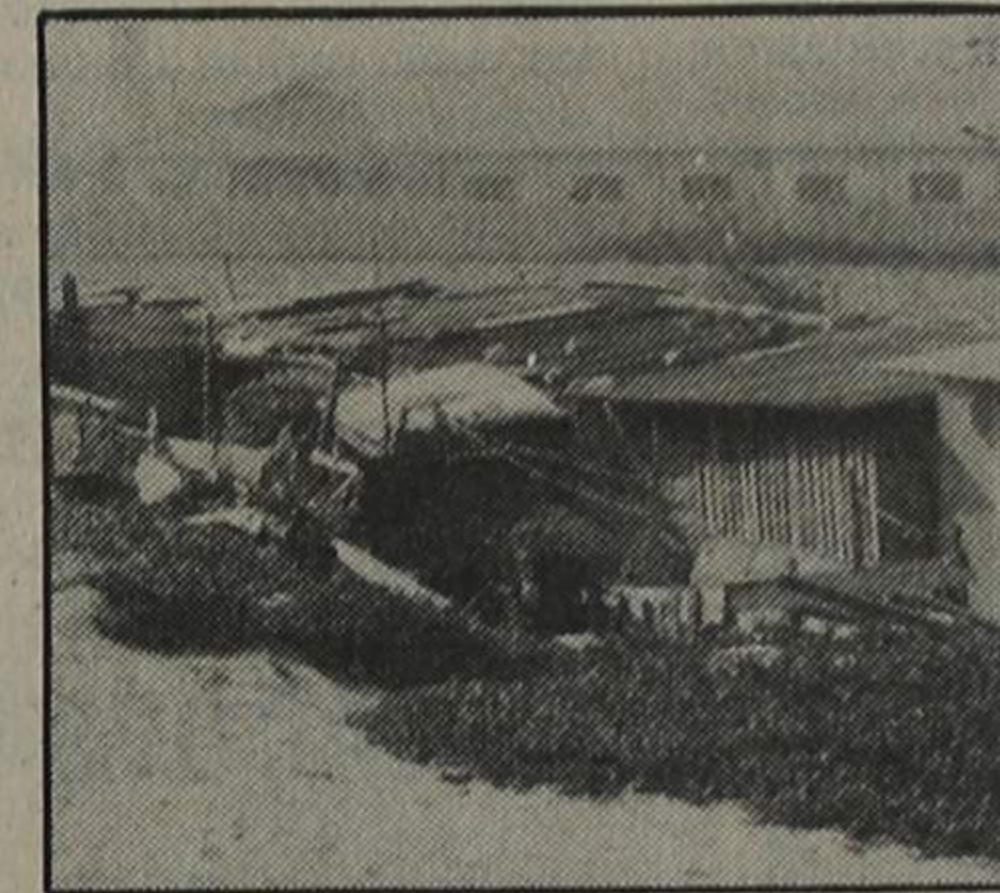
BAIRRO DA LATA ALBERGA FAMÍLIAS MARGINALIZADAS

• Bem concorreram às casas da Ponte de Anta mas...

Não há palavras para descrever a situação em que vivem cinco famílias, junto às dunas da CP, entre o Alto da Areia e a Linha do Vale do Vouga, mesmo por trás da fábrica «Hércules» e do antigo campo de futebol da «Corfi», em Silvalde.

Ali, em meia dúzia de barracos de madeira e chapa, semidestruídos, vivem cerca de 15 seres humanos no canto esquecido da sociedade. Ali, o belo artigo 65.º da Constituição que temos, já foi esperança; é agora mera poesia, e só.

Não há, repetimos, palavras para descrever a situação em que vivem aquelas famílias, por entre um cheiro nauseabundo, sem luz, sem água, sem saneamento, sem estrada de acesso, sem nada. E como bairro de lata que é, lá vive o pedinte, a prostituta, a viúva pobre, o reformado e, como não podia deixar de ser, o jovem casal de relações cortadas com os pais e sem recursos para poder pagar rendas técnicas ou para adquirir casa própria.



No Texto Fundamental, o artigo 65.º; na prática, isto...

HISTÓRIAS QUE NÃO SÃO DE FADAS

Maria Rosa Neves Freitas, de 25 anos, está nesta última situação. Casou aos 20 e o lar digno que em solteira sonhou, acabou por ser um barraco naquele bairro de lata. Tem dois filhos e só o marido está empregado, ganhando pouco mais de dez contos.

A casa da mãe, o seu lar de solteira, foi o seu primeiro lar de casada. Não por muito tempo, porém. Depressa as discussões tornaram impossível viver ali. Na casa da sogra, a experiência foi pior e outra solução não restou ao jovem casal senão construir naquele bairro de lata o «doce lar», com sabor amargo. Com tábuas que o marido trazia da obra onde trabalhava — é empregado na construção civil —, o barraco surgiu e é há quase cinco anos o «lar» do jovem casal, que viu fechadas as portas a uma habitação condigna no Complexo Habitacional da Ponte de Anta. Bem concorreram e bem os mandaram esperar e ter esperança. Ainda hoje esperam...

A história de Rosa Pereira Bastos, uma viúva de 65 anos, também residente naquele «charco» social, com o seu filho, de 18 anos, desde Dezembro passado, é outra que precisa ser conhecida por quem detém as rédeas do poder, muitas vezes esbanjando dinheiros públicos em obras sem qualquer interesse imediato e «esquecendo-se» de acudir a situações como esta. Esta história, que não é de fadas, é amarga de contar e ouvir, muito mais de a sentir na pele.

DAS SEVICIAS AO MARIDO À DORMIDA AO RELENTO

Em princípios de 1975, estava Rosa Bastos em Angola com seu marido e filho, onde — diz-nos — «vivía muito bem». Depois de alguns anos a trabalhar numa fábrica de tabaco, a senhora pensava viver o resto da vida des-



Rosa Bastos, 65 anos e um «happy end» furado

preocupadamente, já que o marido explorava um pequeno negócio de mercearia.

Porém, o «happy end» sonhado virou autêntico inferno. Com a descolonização dos territórios até então sob administração portuguesa, esta, como milhares de outras famílias, viu-se forçada a vir para Portugal, deixando em Angola todos os seus haveres. O marido era constantemente agredido brutalmente pelos movimentos de libertação e a situação foi-se-lhes tornando insuportável.

Regressaram de mãos «a abanar» e conseguiram alojamento em casa de parentes seus, no lugar da Aldeia, em Silvalde. Enquanto isto, o marido de Rosa Bastos acusava o «peso» das sevícias de Angola e encamou. O subsídio que então recebiam do IARN era gasto com medicamentos que, contudo, não evitaram o seu falecimento, poucos meses depois.

Antes, porém, e porque o cunhado, em cuja casa viviam, tentava — segundo a senhora — «abusar de mim», a família foi obrigada a procurar abrigo em casa de outros parentes, mas estes «queriam todo o dinheiro que eu tinha», da reforma da tabaqueira angolana, que recomeçara a receber e «começaram a bater-me».

«Tive de sair de lá, não tinha outra solução». Com o seu filho (nesta altura, o marido já falecera), nada mais podia fazer do que dormir ao relento até que, com bastante sacrifício e muita comida tirada à boca («Cheguei a pesar só 40 quilos»), conseguiu juntar os 21 contos necessários à compra de caixotes de protecção de peças automóveis e de chapas para construção do barraco, aonde vivem vai para cinco anos.

CONDENADOS AO BAIRRO DA LATA

Como é evidente, Rosa Bastos concorreu às casas do Complexo Habitacional da Ponte de Anta, mas não consideraram o seu caso por possuir, então, um rendimento de apenas quatro mil e quinhentos escudos, já que há muito se fora o subsídio do IARN. Isto, enquanto o bairro das casas ditas «sociais» ia albergando gente em razoáveis condições de habitabilidade, com a ajuda de compadrios e engenhosas habilidades...

Hoje em dia, a situação financeira de Rosa Bastos está um pouco melhor. O filho, que não trabalhava, conseguiu emprego na construção civil a ganhar 7.500\$00 mensais — o que, com a reforma da senhora, vai dando para viver.

Contudo, o filho namora — e «ela é tão pobre como nós» — e casará em breve. A senhora voltará a ter a situação aflitiva e o futuro casal, na falta de habitação, construirá outro barraco naquele bairro de lata. E quando estiverem prontos a habitar novos complexos habitacionais tipo Ponte de Anta, Rosa Bastos (como o filho) voltará a não ser considerada no concurso por ter apenas um rendimento de 4.500\$00 mensais...

PODER LOCAL

SESSÃO DA CÂMARA

O «DEFUNTO» AINDA TOMA DECISÕES

Na Rua 22, umas escassas dezenas de trabalhadores têxteis em greve entretinham-se a repetir palavras de ordem ditadas da varanda de sindicato afecto à central sindical do Partido Comunista, «exigindo» a demissão do ministro do Trabalho.

A relativa distância, mirones faziam comentários de circunstância tais como «vão trabalhar, malandros» e outros muito oportunos, aliás.

Era quinta-feira. A tarde estava soalheira, boa para apreciar o «espectáculo». Mas o jornalista tinha um trabalho à sua espera, ali ao lado, no salão nobre dos Paços do Concelho: o de cobrir a sessão camarária da primeira quinzena do mês.

Sessão em que ressaltariam uns dois ou três assuntos de relativa importância, intervalados por muitas e fastidiosas questões de «lana-caprina».

)xx(

Quando tudo fazia crer que, com a sua morte, o Fundo de Fomento de Habitação ia deixar de causar dores de cabeça ao poder local espinhense, este organismo, talvez o seu espírito, que

não tem descanso pelos males que o seu «patrão» fez em vida, saiu-se com uma decisão que terá feito abanar todos os caixões no cemitério onde repousa. Um destes dias, com uma máquina de escrever e um papel de ofício que levou para a cova, minutou uma ordem que apareceu no apartado postal da Câmara, a dizer que decidira (mas desde quando os mortos tomam decisões?) instalar dois desalojados das ex-colónias em outras tantas casa do bairro pré-fabricado de Guetim e que iria abrir de imediato concurso público, a nível nacional, para as outras duas casa daquele mesmo bairro.

Ora, a Junta de Freguesia de Guetim e a Câmara, passado o susto provocado por aquela correspondência do outro mundo, decidiram tratar do assunto com os vivos, que com esses é que a gente se entende. E se bem o pensou, melhor o fez. De imediato, seguiu para a Secretaria de Estado da Habitação um telegrama, dizendo não reconhecer legitimidade ao falecido para distribuir os fogos e acrescentando que se fosse preciso iniciava guerra ao morto. No mesmo dia e para o mesmo des-

tinatório, seguiu um ofício, referindo que a edilidade não abdicava do seu direito de fazer o concurso e não aceitava que o mal enterrado fizesse qualquer reserva.

Nesta sessão, o pobre do morto que nem morto está quieto (alguém quer explicar porque?), levou outro pontapé, ao ser decidido insistir para que a SEH definisse a sua posição quanto à diabólica decisão do espírito do FFH, que anteriormente fora a de que nenhuma decisão sobre o processo seria tomada sem consulta ao poder local.

)xx(

Escrevemos acima que com os vivos é que a gente (outros vivos) se entende. Em abono da verdade, não é bem assim. Às vezes, os vivos digladiam-se por tudo e por nada. Sobretudo, quando esse vivos são políticos, o desentendimento é uma constante. Que os políticos vivos, que se esquecem que um dia serão mortos, estão sempre à procura da cadeira mais fofa.

Na sessão camarária em referência, o presidente da Câmara, o homem da tal cadeira mais fofa,

deve ter pensado, por momentos, que às vezes mais vale andar a propagandear medicamentos, uma cadeira menos fofa, outros sim menos cobiçada. Embora possa ter reconsiderado. Que pelo menos o aspecto financeiro da coisa, a isso impede.

Mas o que se segue é que das várias propostas que apresentou à Câmara, só uma foi passível de ser aprovada. Trata-se da reorganização da Secretaria Municipal, que Fonseca, juntamente com o chefe da repartição, propôs à vereação com base num estudo da DGOA. Foi decidido que uma comissão de três vereadores apresente sugestões para que, então, a proposta do PC e do CS seja analisada em sessão.

Quando às outras, foi um tal contar.

Uma sobre a criação de um lugar de animador turístico para os serviços de turismo local foi devolvida à procedência. «Não é só criar nomes pomposos», dizia Bártolo, «é fundamentar isso». Que remédio, para um presidente que é de uma força política que está em minoria...

Uma terceira proposta, sobre o estádio, fica «para posterior análise». Fonseca propusera que se encarregasse o arq. Lacerda Machado, que venceu um concurso para um estudo para aquela estrutura desportiva, de fazer o projecto definitivo. Não senhora, que o socialista Furriel Ruano também tinha uma proposta a fazer sobre o assunto, que precisava de estudar melhor, porque só estava alinhavada...

)xx(

Ainda os vivos e os seus defeitos, que são mais que as virtudes. Neste caso, foi o chefe da edilidade que investiu contra Furriel Ruano, na «vingança» terrível.

O socialista propôs a revisão dos polémico regulamento para atribuição de subsídios às colectividades, da sua própria autoria, e, na mesma proposta, atribuição de um subsídio de 75 contos para a próxima deslocação do Voleibol do Sp. de Espinho à Grécia. Para Ruano, o subsídio não poderia ser atribuído sem ferir o regulamento em vigor, contudo, esquecera-se de arranjar alterações para não «ferir» o regulamento, quando deu 50 contos ao Coro popular de Espinho para «propaganda turística» durante uma sua deslocação...

Bom. O miolo da proposta apontava o repensar de toda a política de subsídios, não concedendo ajudas extras e reduzindo as normais, o que levou José Fonseca a comentar que, em face da segunda parte da proposta, se caía numa contradição: por um lado, defendia-se a austeridade e por outro dava-se mais 75 contos. Não que Fonseca não concordasse com o subsídio que até já o tinha dado, por despacho, ao abrigo da lei. Mas era só para demonstrar, talvez, que sabia encontrar a contrapartida para rejeição da parte das suas propostas...

Aliás, Furriel Ruano também não foi muito feliz ao pôr dúvidas no justificativo apresentado pelos Bombeiros Voluntários de Espinho para a entrega do subsídio de mil contos, há tempos concedido

à corporação, contra a demonstração de despesas. O justificativo, por imposição do socialista, vai ser apreciado pelo chefe do Executivo e pelo chefe de secretaria. O mesmo aconteceu, ao que nos contaram, com o subsídio ao Sporting de Espinho mas agora, em público, tudo bem, como convém...

OUTROS ASSUNTOS

— O «Notícias da Tarde» propunha à CME publicidade nas páginas do vespertino sobre as «Work-shops» da Galiza. Não é possível, disse-se. Também não era preciso, porque Espinho não participa na iniciativa...

— Marçal Duarte propôs a aquisição de um cilindro-vibrador para o serviço de obras. «Boa máquina, barata, em promoção». Mas concordou que é preciso consultar pelo menos mais duas empresas. Por causa de coisas... Outra compra que vai ser efectuada é a de uma máquina heliográfica para a Repartição Técnica, por 222 contos, que a actual já não dá rendimento.

— Ainda o complexo desportivo: o Clube Académico pretende ser ouvido pela edilidade. Sim senhor. Sobre o mesmo assunto: depois da utilidade administrativa e posse dos terrenos necessários à construção do estádio, foram já nomeados os peritos para a avaliação. Comentário de Furriel Ruano: nesta fase, o processo está a andar rápido... E (dizemos nós) as eleições nunca mais chegam...

— Tribunal: Zenha e Ferreira de Campos, deputados locais à Assembleia da República, juntamente com o autor do mais vitimado projecto estiveram no

Ministério da Justiça e souberam que, «desde que sejam feitas mais umas correcções a indicar oportunamente», o projecto está em condições de ser aprovado...

— Vai ser admitido um contínuo ns Secretaria Municipal e um fiscal de Obras, na repartição do mesmo nome. Para este último é preciso criar o lugar, o que implica autorização da Assembleia Municipal.

— A Câmara concordou com os estatutos elaborados para a Associação de Municípios para a FERTOR, já o que o representante de Espinho para os assuntos daquela estação de tratamento de lixos, os achou bem elaborados.

— O Cinanima-81 vai ter a colaboração habitual da Câmara, que inclui também um subsídio, e o PC vai presidir ao certame.

— Desde há uns tempos bastante interessada no fomento do campismo, a edilidade poderá fazer representar-se no Congresso Nacional de Campismo, organizado pela federação da modalidade. Para já o vereador em regime de permanência vai estudar o interesse da participação. E, enquanto isto, uma nova fase do campismo de Sales (o tal onde já se começaram a esbanjar 70 mil contos) vai arrancar. Força, rapazes!...

— Cobrar ou não a taxa de radiodifusão sonora, é a questão. A Assembleia Municipal (se bem se recordam) devolveu a «batata quente» à Câmara que, por intermédio dos SME quis saber o que têm feito, sobre este assunto, autarquias da região: Resultado: na Feira e em Ovar, não cobram, em S. João da Madeira, cobram, em Gaia, estão como nós, ainda não decidiram.

VIDA EMPRESARIAL

FÁBRICAS DE MALHAS CONSTRÓI NOVAS INSTALAÇÕES



O mais tardar dentro de dois anos, a Artirene, conhecida fábrica de malhas de Anta, transferirá os seus serviços do lugar da Estrada, onde presentemente tem a sua fábrica e escritórios, para o lugar da Idanha, da mesma freguesia, onde está a construir novas e funcionais instalações.

As novas instalações deverão albergar todos os serviços desta empresa, pois estão dimensionadas para isso. Conjugado, não está fora de causa a eventual conservação dos

armazéns nas actuais instalações de Estrada.

Com a abertura das futuras instalações, a Artirene aumentará, numa primeira fase, o número de postos de trabalho de 60, actual, para 100.

A Artirene teve no ano passado uma facturação de 20 mil contos, prevendo-se que este ano alcance os 30 mil.

A firma fabrica malhas exteriores para homem e senhora.

Na imagem, as futuras instalações, em construção.

9 NOVES FORA... NADA!

CONCURSO



Nome _____

Morada _____

Tel. _____

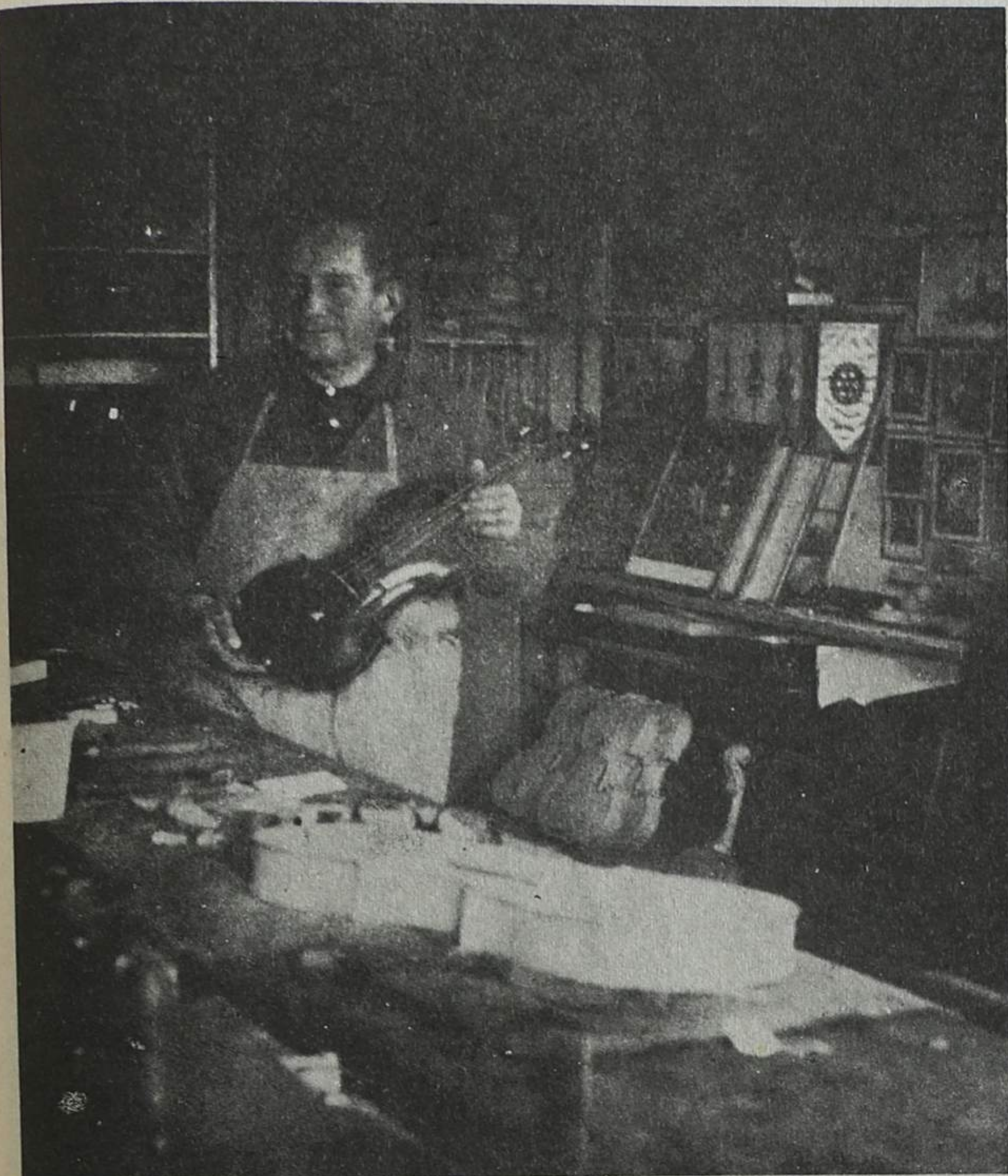
Tema _____

Importante é que os interessados em participar colem o cupão anexo num bilhete postal, procedendo apenas à inscrição das informações pedidas (se não tiver telefone, não escreva nada no espaço a ele reservado).

No endereço, escreverá «Noves Fora... Nada», tema... apartado... (ver abaixo), 1507 LISBOA Codex. Cada tema tem um apartado próprio: música ligeira, ap. 4290; tauromaquia, 4282; História de Portugal, 4285; literatura, 4283; futebol, 4288; banda desenhada, 4292; música clássica, 4289; cinema, 4291; culinária, 4293; astronáutica, 4286; ciências naturais, 4287; literatura policial, 4284.

LEIA E ASSINE

DEFESA DE ESPINHO



Domingos Capela:
de marceneiro a famoso construtor de violinos,
uma vida para a arte.

DOMINGOS CAPELA: O «LUTHIER» CINCO ANOS APÓS A SUA MORTE

Passam hoje 5 anos sobre a morte de Domingos Capela, famoso construtor de violinos de Anta.

Contava 72 anos quando faleceu. Para trás, ficava uma vida dedicada e uma arte, uma séria de prémios internacionais reconhecendo os méritos do mestre.

Mas os violinos Capela não morreram com o mestre. Ficou António Capela e, lá diz o ditado, filho de peixe sabe nadar.

Domingos Ferreira Capela nasceu em 1904. Depois de frequentar a escola primária foi para a arte de marceneiro e aos 19 anos já trabalhava na oficina de um violinista célebre.

Demonstrou verdadeiro talento para a arte que seguiria quando fez o que ninguém conseguia nessa oficina: consertar a alma de um violino — peça sem a qual o violino não toca.

Mais tarde comprou dois violinos, os quais lhe serviram de modelo para a construção de um outro, com madeira de plátano. Isto foi a mola para que começasse a construção daqueles instrumentos, que vendia a apenas 170\$00 cada.

Sensivelmente na altura em que contraiu matrimónio, recebeu uma tentadora proposta para trabalhar numa casa de instrumentos de Londres, mas rejeitou-a.

Foi, entretanto, aperfeiçoando o seu trabalho. Contudo, apesar dos concertos e fabricos a que ia metendo mãos para responder a um crescente número de encomendas, foi obrigado a ir trabalhar para o Conservatório de Música do Porto, onde consertava violinos, já que as dificuldades próprias de quem está em princípios de vida a isso o obrigaram.

Foi, no entanto, bastante positivo o seu trabalho no Conservatório, pois aí começou a adquirir fama entre os artistas e depressa adquiriu condições para voltar a Anta, à sua oficina, onde iniciou, já sem vacilações, a sua carreira de «luthier» (construtor de violinos), que viria a obter fama em todo o mundo.

Quando morreu, em 1976, a 12 de Novembro, deixou o seu nome gravado num sem-número de prémios internacionais. Deixou também valiosos ensinamentos a um dos seus quatro filhos, António Capela, que a este permitiram continuar, com igual mérito, e assegurar para Anta a designação de «capital de violinos».

ALUNOS DO CURSO DE HOTELARIA EM JORNADA MEMORÁVEL



Rodeados pelo gerente do Hotel «Praia Golfe», José Pedro, e pelos monitores de «Barman» e Pastelaria, Carlos Pais e Gil Pereira, respectivamente, eis a totalidade dos alunos que têm frequentado aqueles cursos, e que se deslocaram, em visita de estudo, ao Porto e a V. N. de Gaia.

De 21 de Setembro para cá, vêm funcionando diariamente (dias úteis) nas instalações do Hotel «Praia-Golfe», dois cursos de hotelaria, sendo um de pastelaria e outro de «barman».

Aproveitando a tarde da passada quinta-feira, a gerência daquela unidade hoteleira promoveu uma visita de estudo à cidade do Porto e a Vila Nova de Gaia, para a qual a Câmara Municipal de Espinho colocou à disposição da caravana um magnífico autocarro.

Participaram no passeio, vinte e cinco alunos, sendo doze do curso de «Barman» e onze do curso de Pastelaria, e a chefia da caravana coube a Carlos Pais e Gil Pereira, monitores dos cursos referidos. José Pedro, gerente daquele hotel, não pode acompanhar, por motivos de última hora, os alunos dos cursos.

«Defesa de Espinho», acompanhou a caravana hoteleira, e teve oportunidade de estar junto dos alunos nas duas visitas efectuadas.

A primeira teve lugar à Confeitaria «Cunha», onde todos os alunos de Pastelaria tiveram a ocasião de ver bem de perto a fabricação de todo o tipo de pastelaria. Esta visita foi dirigida e explicada pormenorizadamente pelo responsável Gil Pereira.

Depois de cumprida a primeira

parte da jornada, a caravana atravessou a «Cidade Invicta» em direcção à «Real Companhia Velha», onde todos, e em grupo, foram recebidos pelo secretário da Direcção daquela companhia, sr. Lencastre. Este mesmo, durante cerca de sessenta minutos, foi um inseparável guia e amigo de todos, alunos e responsáveis, na visita que decorreu às instalações de armazenamento, central de engarrafamento, ao famoso tunel de espumantes (tem um cumprimento de 600 metros) e à garrafeira da companhia.

Muito de belo e interessante haveria para contar, de tudo quanto foi visto e daquilo que se aprendeu e recordará por muitos e bons anos. Dentro das instalações da Real Companhia Velha, existe um impressionante «stock» de vinhos de todos os tipos e regiões, que repousam e envelhecem em garrafas, pipas, balseiros e depósitos de grandes

capacidades, assegurando assim a tipicidade das suas marcas consagradas através de gerações. De salientar os depósitos de grande capacidade, que impressionaram toda a caravana, pelas suas dimensões fora do vulgar.

No total, existem naquela companhia vinte depósitos em aço inoxidável, com uma tara de 25 mil quilogramas cada, todos eles importados do Japão, no ano de 1970, e com uma capacidade de 1.100.000 litros cada um, o que corresponde a 2 mil pipas de vinho, 1.440.000 garrafas e 15 milhões de cálices daquele precioso Vinho do Porto.

Outras curiosidades dignas de realce, são o ano da fundação da Real Companhia Velha (1756) e a data da origem da garrafa mais antiga que ainda existe, como é claro; data pois de 1765, essa bela relíquia e está calculada num valor estimativo de cerca de 500

contos. Na empresa trabalham 400 pessoas e Manuel da Silva Reis é o presidente da Companhia.

No final, a todos foi oferecido um lanche, tendo sido servido, entre vários aperitivos, um apetitoso champanhe, numa confraternização que durou cerca de trinta minutos e teve lugar na bar da companhia. Confraternização que continuou pelo regresso a Espinho, tendo ficado no ar a promessa de novo passeio, antes de terminados os cursos, cujas conclusões estão marcadas para o dia 1 de Dezembro, sabendo-se, já, que no dia 3 daquele mesmo mês, terá lugar a festa de encerramento.

No próximo número, «D.E.» relatará mais pormenores acerca dos cursos de «Barman» e Pastelaria, tendo Carlos Pais e Gil Pereira, monitores daqueles cursos, falado para esse efeito, para o nosso jornal.

NO PRÓXIMO SÁBADO

CASO «CENTRO DE DIA» EM AG DA MISERICÓRDIA

Está marcada para as 15 horas do próximo sábado, no salão da A. H. dos B. V. Espinhenses, uma assembleia geral extraordinária da Santa Casa da Misericórdia de Espinho, que é aguardada com certa expectativa.

No centro das atenções desta AG está o caso «Centro de Dia», que há dois meses atrás levantou alguma polémica nos jornais.

Como estarão recordados os nossos leitores, hóspedes do Centro do Dia queixavam-se de estar a perder aquilo que consideravam o «paraíso». Em comunicado então elaborado, os utentes referiam:

«... Trazida pela mão do sr. Marçal Duarte, da Santa Casa da Misericórdia, deu entrada no Centro uma nova empregada protegida do mesmo senhor e aí começou a discórdia, a indignação dos utentes, em face da atitude tomada para com a responsável deste Centro. (...) O mesmo senhor (...) valendo-se dos meios mais soezes tudo tentou para que esta senhora fosse substituída nas suas funções pela empregada em referência».

Acusando o provedor de uma série de pretensas irregularidades, o comunicado acrescentava: «... Esta pequena amostra é prova insuficiente de que o sr. provedor Marçal Duarte não pode nem deve continuar a desempenhar tal lugar numa Casa de Misericórdia».

Pelo lado da mesa da Misericórdia, a questão é, como é evidente, vista por outro ângulo.

Como atempadamente noticiámos, para a mesa da instituição o que se verifica no Centro de Dia é uma falta de disciplina, há falta de regulamentação interna, funcionando esta estrutura de apoio à terceira idade praticamente como um restaurante económico, já que uma boa parte dos idosos apenas ali permanecem às horas das refeições — facto que, naturalmente, desvirtua o papel do Centro.

Quanto às acusações propriamente ditas, a posição da mesa é que se trata de uma **cabala** montada por pessoas com acesso a certa imprensa.

Refere-se por último que a ordem de trabalhos da AG está assim elaborada: 1 — Exposição pela Mesa da situação existente na Misericórdia e adopção das medidas que a Assembleia Geral, julgar convenientes; 2 — Apresentação das contas de gerência da actual mesa administrativa, sua discussão e aprovação; 3 — Discussão de qualquer assunto de interesse para a Santa Casa.

GRANDES OBRAS EM CURSO (6)

SE TUDO CORRESSE BEM

VARIANTE À 326 ABRIRIA AO TRÂNSITO EM DEZEMBRO

A variante à E.N. 326, que ligará Espinho ao Picoto, poderá abrir ao trânsito lá para Dezembro. Esta data está, no entanto, condicionada ao vencer de uma zona rochosa encontrada no acesso Altos Céus-Guetim, mais concretamente na zona de Cassufas, segundo Carlos Maurício, topógrafo da João Cerejo dos Santos, empresa adjudicatária da obra.

Já não é a primeira vez que falamos do andamento da construção da variante à E.N. 326, mas agora que o troço compreendido entre o cimo da Rua 19 e o lugar de Olivães, em Nogueira da Regedoura está em vias de conclusão, impunha-se saber mais alguns pormenores pela boca dos técnicos.

VARIANTE COM QUATRO ACESSOS

«Esta estrada é nada mais nada menos que uma variante à Estrada Nacional n.º 326, e foi construída porque a actual 326 não poderá sofrer alargamentos, modificações ou quaisquer melhoramentos, por se encontrar na sua globalidade enfunilhada pelas construções urbanas», disse o nosso interlocutor sobre os motivos que levaram a JAE a construir esta rodovia.

Nestes quatro mil cento e tal metros de estrada, encontramos quatro acessos, embora só um esteja completado, precisamente a ligação Anta-Idanha, no lugar do Carvalho. Os outros três acessos são: Guetim-Altos Céus, que atravessa o lugar de Cassufas, na tal zona rochosa, Santo António de Grijó-Nogueira da Regedoura e, finalmente o cruzamento com a actual 326, em Olivães.

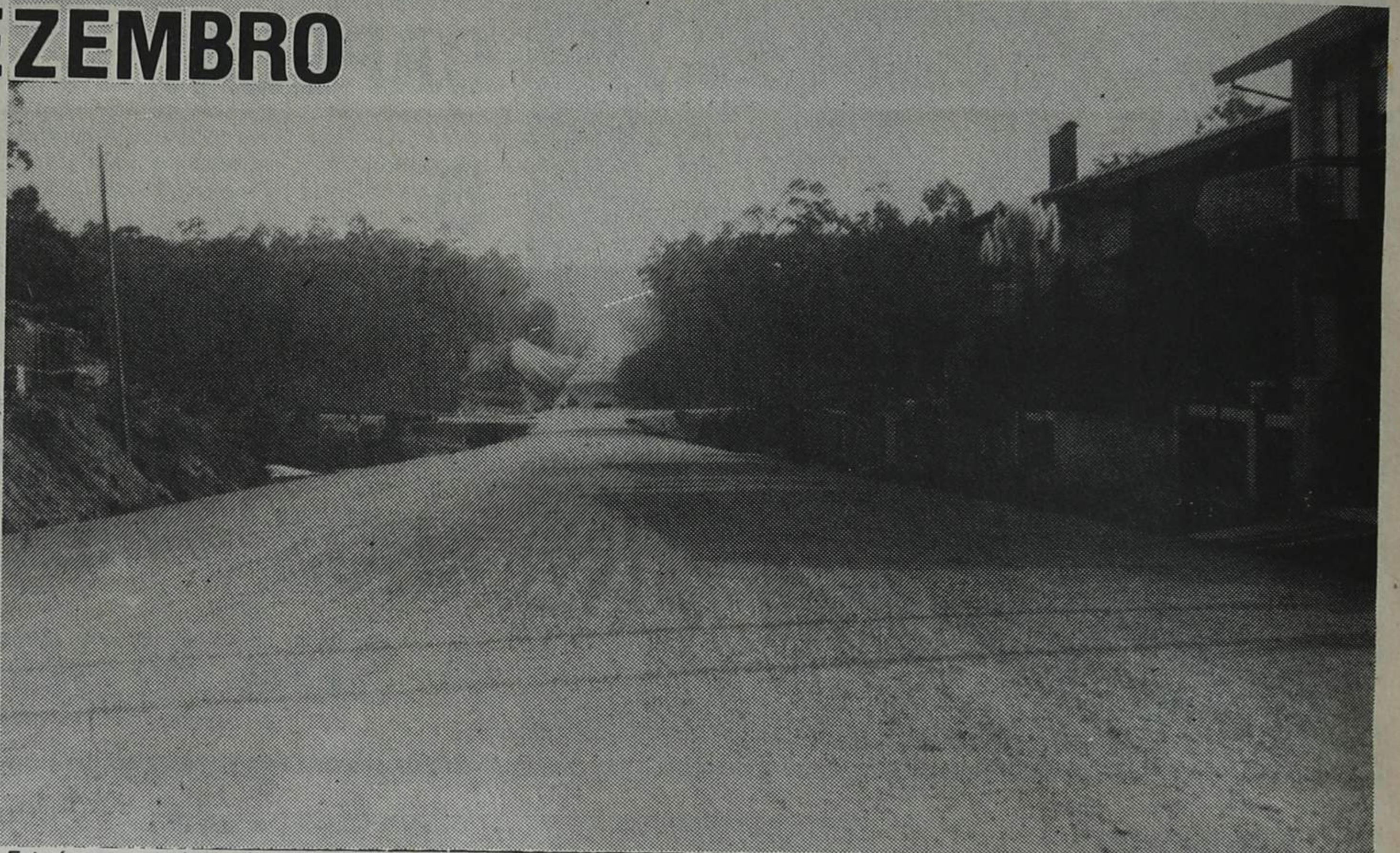
TAPETE FINAL SÓ DAQUI A UM ANO

Sobre as diversas fases da obra, Carlos Maurício explicou-nos:

«Depois das terraplanagens e drenagens, iniciou-se a pavimentação da faixa de rodagem. Primeiro, levou uma camada de sub-base, de 15 centímetros de espessura, a que damos o nome de terra seleccionada; depois, levou outra de «tout-venant», composta por duas camadas de 30 centímetros; de seguida uma outra de brita, com 8 centímetros e, finalmente, a derradeira, que foi a empregação betuminosa, vulgarmente designada por alcatrão. Claro que o piso não ficará como está. Para já, não se coloca a última camada, para que a estrada fique sujeita ao desgaste do trânsito. Só daqui a um ano é que se colocará o chamado tapete».

«CAROÇO» ROCHOSO É UMA «ESPINHA»

Abordado sobre o pequeno troço entre o topo da Rua 19 e o primeiro acesso à variante, disse-nos que ele «está



Este é o aspecto (magnífico) da variante à 326, notando-se ao fundo o «caroço» rochoso, que poderá impedir a abertura da rodovia ao trânsito no próximo mês

em estudo na Junta Autónoma das Estradas e o mais provável é que a Câmara Municipal de Espinho tome um pouco da sua responsabilidade, até porque esse bocado de estrada já engloba construções e questões de saneamento».

Se esse pequeno troço pode impedir a abertura da obra em Dezembro, essa abertura poderá ser aprazada por um outro factor: É que, como nos disse, «tudo dependerá do «caroço» rochoso que nos apareceu. Foi um contratempo que atrasou a obra. Como consequências, tivemos muitos prejuízos, inclusivamente na maquinaria, que rebentou toda».

Vencido o «caroço» e resolvido o problema do troço inicial da variante, nada obsta a que a estrada abra ao trânsito, já que se estão a construir as valetas e tudo o resto que possa dizer respeito aos acabamentos.

SEGUIMENTO DA VARIANTE AINDA SEM DEFINIÇÃO

O tempo (atmosférico) é um facto com que qualquer empreiteiro tem de contar. Se ele prejudicou esta obra,

outros empreiteiros em outras obras, noutras ocasiões, muito mais se terão queixado.

Carlos Maurício explica-nos: «Não houve grande chuva nem intempéries que prejudicassem o bom andamento da obra. No entanto, o tempo prejudicou-nos no princípio, aquando do estudo geológico, que não pôde ser bem feito, e que originou o aparecimento da zona rochosa, com a qual não se contava».

«Fomos ainda prejudicados — prossegue — pelo início das obras da auto-estrada, troço Carvalhos-Vila da Feira, pois a certa altura o pessoal abalou para lá, em grande parte».

Ácerca dos prazos determinados para a conclusão da obra disse: «Por enquanto ainda estamos dentro dos prazos. Mas por vezes não se podem cumprir obras dentro dos prazos estabelecidos, porque a JAE também nunca paga dentro dos prazos».

Concluída esta primeira fase, prolongar-se-á a variante até ao Picoto. Em termos de datas, essa continuação ainda não está definida, devido a problemas surgidos no estudo da embocadura da variante na Estrada Nacional n.º 1, Porto-Lisboa.

«UM CONJUNTO COM BOM NÍVEL»

CAMPISMO SOLVERDE VISTORIADO E CLASSIFICADO COM 4 ESTRELAS

A melhor resposta para aqueles que classificavam o campismo da Solverde como «clandestino» e «sem condições», foi o relatório apresentado pela Repartição de Empresas e Actividades da Direcção-Geral de Turismo que classificou aquele parque de quatro estrelas.

De um conjunto de 12 aspectos tidos como positivos pela Repartição encarregada da vistoria, destacam-se 5, a saber:

- Excelente sistema de distribuição de água (pontos de água), constituído por 9 colunas, cada uma das quais com duas torneiras, um bebedouro e base cimentada com ligação a esgoto;
- Moderna rede de distribuição de energia eléctrica a caravanas compostas por 13 caixas metálicas com fechadura, contendo cada uma 16 tomadas com ligação à terra e disjuntor automático de 16 amperes;

- Quatro blocos sanitários com separação de sexos e grande capacidade e outros tantos de lavagem, o que a vistoria considerou altamente positivo, segundo os termos usados no relatório, dada a área relativamente reduzida do parque (apenas 4 hectares) e a comodidade que daí resulta para os utentes do mesmo;
- Piscinas de água doce fria para adultos e crianças com respectivos balneários com separação de sexos e guarda-roupa, bem como água quente em todos

os chuveiros e lavatórios à disposição dos utentes (com excepção dos balneários da piscina).

Nas palavras da comissão de vistoria, «como facilmente se compreende, trata-se de um conjunto de requisitos dificilmente ultrapassável em parques congêneres de onde ressalta a alínea referente à água quente, facilidade que pensamos ser o único parque a oferecer».

Foi dado os requisitos que o parque apresenta, «conjunta-

mente com um bom nível geral de soluções, equipamentos e materiais utilizados» que a comissão propôs a atribuição da categoria de 4 estrelas, no entanto sujeita à execução de pequenas melhorias que passamos a indicar:

- Instalar prateleiro e cabide nas antecâmaras dos chuveiros;
- Instalar secadouros para a roupa junto dos blocos de lavagem;
- Instalar mais 4 tomadas de corrente nos blocos sanitários

dos homens e 8 nos das senhoras, com a devida identificação da voltagem;

- Dotar os blocos sanitários com bacias lava-pés;
- Intensificar a arborização do parque.

Este parque é, como se sabe, reversível para a Câmara Municipal que apesar de ir receber esta excelente estrutura para campismo ainda se dá ao luxo de desperdiçar num outro parque 70 mil contos.

EM SILVALDE

Atribuição de casas gera controvérsia

Está a gerar alguma polémica a atribuição de 7 de 8 fogos do Complexo da Quinta da Seara, em Silvalde.

Estes fogos foram construídos pela Solverde que os doou à Junta de Freguesia de Silvalde, autarquia que se encarregou de abrir o respectivo concurso.

A casa que não foi posta a concurso, foi habitada por uma família que morava num prédio que foi necessário demolir para dar lugar à construção do novo edifício-sede do executivo daquela freguesia.

Para as restantes 7 casas, concorreram 66 famílias e a Junta procedeu à classificação. Não terá sido tanto aqui que a controvérsia surgiu — pelo menos, fundamentada —, mas em decisões posteriores, assentes em critérios bastante discutíveis, senão mesmo inaceitáveis.

O caso flagrante passa-se com o sr. Manuel da Silva Filipe, o concorrente que ficou classificado em segundo lugar, com 25 pontos, menos um que o primeiro.

Teria automaticamente direito a uma das 7 casas. Contudo, a Junta de Freguesia, ao tomar conhecimento de um documento judicial informando da ordem de despejo que fora movida a uma firma de panificação, inquilina de um velho prédio, onde, gratuita e provisoriamente, estava instalado o sr. Manuel Filipe, decidiu que este seria desclassificado.

Baseava a Junta de Freguesia a sua posição, dizendo que a sua entidade patronal era obrigada a garantir-lhe habitação.

Tanto a firma panificadora, como o Sindicato dos Trabalhadores da Panificação, rejeitam — e pensamos que correctamente — tal argumentação, por incorrecta e inexacta.

Diz a empresa panificadora, de cuja o sr. Manuel Filipe é empregado, em carta endereçada à Junta:

«O nosso empregado Manuel da Silva Filipe comunicou-nos que, embora tivesse obtido a pontuação suficiente para ocupar uma das habitações dessa Junta, tal não se efectivaria por a Junta declarar que quem tinha obrigação de lhe arranjar casa éramos nós, entidade patronal. No sentido de esclarecer V.^ª Ex.^ª e evitar que a Junta cometa um grave erro, além de uma flagrante injustiça, devemos informar que nada temos a ver com o assunto nem nela temos qualquer responsabilidade».

E a carta explicita: «Dada a grande dificuldade em conseguir habitação, que infelizmente ainda se verifica, em tempos, o Sindicato de Panificação pediu-nos que autorizássemos

que o referido empregado ocupasse um estabelecimento que tínhamos arrendado nessa freguesia. Por uma questão de humanidade e porque se tratava de uma situação provisória, anuímos ao pedido do Sindicato. Assim, o citado empregado foi habitar para aquele estabelecimento, que não reúne as mínimas condições, gratuitamente e sem que isso constituísse ou constituísse qualquer obrigação contractual da nossa parte».

E prossegue a carta: «Por infracção nossa, a condições do arrendamento, a proprietária do prédio encontrou matéria legal suficiente para promover-nos vitoriosamente uma acção de despejo, o que levou a que acordássemos em fazer a entrega do imóvel em 30 de Junho do próximo ano. De facto demos conhecimento ao nosso empregado que provisoriamente ali habitava, tendo-nos ele dito que já estava a preparar-se para o concurso dessa Junta, concurso em que, pelo que nos comunicou, obteve o segundo lugar, a confirmar a justeza do seu pedido».

«Confiamos que V.^ª Ex.^ª e os restantes seus colegas ponderarão bem o que fica exposto e confirmarão a entrega da casa ao Manuel da Silva Filipe, pois, caso contrário, tomarão uma atitude de flagrante injustiça e de desumanidade, colocando um casal e três crianças no meio da rua sem um tecto para se abrigarem» — finalizava a carta.

Também o Sindicato da Panificação endereçou uma carta à Junta, confirmando as afirmações da empresa panificadora. E tendo algumas outras considerações oportunas sobre o caso diz que a decisão tomada «não parece, de modo algum, estar de acordo com o que se diz de interpretar o conceito de justiça social, tanto mais que é sabido que o interessado não tem onde e a quem recorrer para efeito de conseguir uma habitação para si e para os seus».

De facto, dos dados expostos, a ilação de que a decisão da Junta foi menos feliz salta aos olhos. A Junta o reconhecerá, por certo, e reconsiderará na sua posição. Assim o esperamos.



TIPO JUSTIÇA POPULAR...

Exmo. Senhor
Director de «Defesa de Espinho»:

Eu, Maria Antonieta dos Santos, servente de limpeza do posto clínico de Espinho, venho respeitadamente expor a Vossa Excelência que no dia 7 de Novembro de 1981, pelas 10 horas da manhã, o senhor João Quinta, sua mulher, um filho e ainda um rapaz amigo do casal chamado Chico e que trabalha numa fábrica da Ponte de Anta invadiram a minha casa, espancando dois filhos menores, um de 14 anos e outro de 15, cujos nomes são José Manuel dos Santos Pereira e Vítor Manuel dos Santos Pereira, pelo facto de um deles ter tirado a bicicleta do filho, que se encontrava numa das ruas da cidade de Espinho, ao pé de uma livraria. Agrediram-nos a pontapé e a murro, levando ainda o menor em pijama e descalço e aos murros até ao carro, para o levar para a Polícia, mas lá não disseram o que fizeram aos menores.

A queixa foi feita na Polícia e dados já os nomes das pessoas que podem provar estas agressões.

É lamentável este tipo de actuação num país que se diz de Direito e espero que as autoridades tomem as devidas providências.

Maria Antonieta dos Santos
Bairro do Fundo de Fomento
Bloco D, Entrada 3-1.º, Dt.º
Espinho

NOTA DA REDACÇÃO — As opiniões expressas nesta secção reflectem tão-só a opinião dos nossos leitores que a utilizam, sendo, por isso, da sua inteira responsabilidade.

Quanto ao assunto da carta da nossa leitora, confirmamos que apresentou queixa na secção policial local, não nos sendo possível, como desejariamos, ouvir a parte visada.

Novos incentivos fiscais para habitação própria

A compra ou a construção de habitações para residência permanente de valor inferior ou igual a dois mil setecentos e cinquenta contos, passaram a ficar isentas, tendo também sido actualizados os restantes escalões daquele imposto. Por outro lado, entraram também em vigor isenções temporárias com recurso ao crédito bancário, quer para a autoconstrução.

Estas disposições, que foram publicadas no «Diário da República» do passado dia 16 de Setembro, mas que já estavam em vigor, integram-se num conjunto de alterações do regime fiscal que tem como objectivo incentivar a aquisição ou construção de residência própria.

Este decreto-lei estabelece o princípio de actualização periódica

de sisa em função da inflação. Esta medida tem como objectivo evitar que os diversos escalões deste imposto sejam rapidamente ultrapassados pelo encarecimento dos prédios.

De lembrar que, ainda há bem pouco tempo a isenção de sisa fora elevada para dois mil contos e já este valor se mostrava muito aquém dos preços dos andares mais baratos nas grandes cidades. Desta forma, os diversos escalões de sisa passarão a ser actualizados periodicamente, como sucede com os escalões de crédito bonificado ou dos impostos profissionais e complementar.

Entretanto, foram também alteradas as isenções de contribuição predial nos andares cons-

truídos ou adquiridos para habitação permanente, que variará consoante o rendimento colectável, sendo de dez anos no caso do rendimento colectável ser igual ou inferior a cento e trinta e sete mil e quinhentos escudos. Se o rendimento, estiver situado entre os 175 e os 250 contos, a isenção será pelo período de três anos.

Por outro lado, ficam também isentos do imposto complementar os rendimentos de prédios que não paguem contribuição predial.

No caso da compra de fogos já construídos através do crédito bancário (sistema das amortizações progressivas ou sistema de poupança/habitação), o valor tomado em conta para a fixação de sisa será determinado pelo banco para a concessão do em-

préstimo. Em função deste valor haverá lugar a isenção ou pagamento de sisa e, eventualmente, a isenção temporária da contribuição predial.

No entanto, já no caso da autoconstrução, o programa põe-se de uma forma diferente, visto não haver, à partida, um fogo já construído que possa ser avaliado. Daí que o único benefício concedido aos autoconstrutores seja a isenção ou não da contribuição predial, em função do rendimento familiar.

Entretanto, para o caso dos andares comprados depois de construídos, a isenção de sisa (desde que aplicável) beneficiará a primeira transmissão do imóvel, ainda que o mesmo se destine à habitação permanente do proprietário.

ARMISTÍCIO:
Câmara não se fez representar

Pela primeira vez, a Câmara não se fez representar nas cerimónias comemorativas do armistício, promovidas pela subsecção de Espinho da Liga dos Combatentes.

As cerimónias que deviam começar às 10 horas, apenas se iniciaram meia hora depois, já que se esperava a todo o momento a chegada do presidente da Câmara, ou de um seu representante, que costuma estar presente nestes actos.

Como de costume, uma força do Regimento de Engenharia prestou honra aos heróis e foi depositado um ramo de flores no ossário da Liga, seguindo-se missa.

«MAGIRUS»
NUMA GARAGEM PARTICULAR

Ao contrário do que noticiámos, a «magirus» dos Espinhenses não se encontra na oficina propriedade do comandante da corporação, mas sim na garagem «Nossa Senhora da Ajuda», de Henrique da Fonseca, que a alberga graciosamente.

Estão, entretanto, previstos exercícios com aquele equipamento em unidades industriais do concelho da Feira, a fim de treinar os bombeiros no seu uso.

Quanto à polémica criada pela compra daquela auto-escada «reina a paz», segundo uma nossa fonte. E ainda bem.

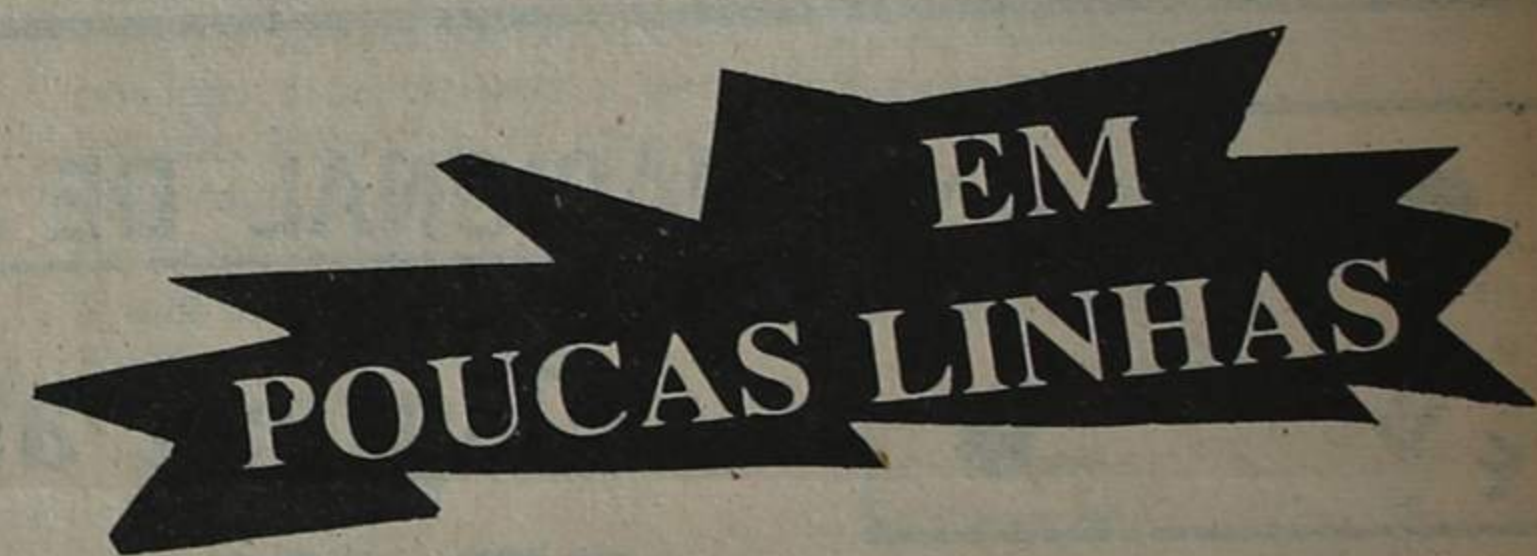
CINANIMA
COMEÇA QUARTA-FEIRA

Inicia-se na próxima quarta-feira, terminando no dia 22, domingo, o Cinanima-81, certame a que fizemos alusão na nossa última edição, e que decorrerá nesta cidade.

Este 5.º Festival Internacional de Cinema de Animação de Espinho é organizado pela cooperativa «Nascente» e conta com apoios do Instituto Português de Cinema, Direcção Geral de Educação Cultural, Fundo de Apoio aos Organismos Juvenis e Câmara Municipal de Espinho, bem como da Associação Internacional do Filme de Animação, da

Organização Internacional de Coordenação dos Institutos de Cinema de Animação e da Federação Internacional de Cineclubes.

Três dezenas de países estarão representados através de mais de uma centena de filmes e a mostra é constituída por três secções: competitiva, não-competitiva e retrospectiva. Funcionará paralelamente «ateliers» de animação de três tipos: iniciação às técnicas; técnicas de forma, cor e movimento; demonstração prática junto de crianças em idade escolar das potencialidades do cinema de animação.



PUBLICIDADE • PUBLICIDADE • PUBLICIDADE • PUBLICIDADE •

J. NUNES DE MATOS

MÉDICO ESPECIALISTA
RAIOS X-DIAGNÓSTICO

Especialista no Instituto Português de Oncologia.
Ex-assistente da Faculdade de Medicina.

Consultório - Rua 20, n.º 1436, r/c dt.º - telef. 921975

JORGE PACHECO

MÉDICO DENTISTA



Consultório: Av. 8 n.º 784-1.º

TELEF. 922718
ESPINHO

LUSOTUFO

TAPETES - CARPETES - ALCATIFAS

Telefone 72005 — CORTEGAÇA

NUNO A. PEREIRA

PSIQUIATRA
MÉDICO ESPECIALISTA
DOENÇAS
NERVOSAS

Consultório: Rua 31, 321
Marcação das 18.30 às 21.30
horas

Telefone 920689
ESPINHO

ESPOSABELA

Casa especializada em artigos para Noivas,
Acompanhantes, Comunhões,
Lingerie e Pré-Mamá.

Rua 12, n.º 589 — Telefone 924203 — ESPINHO

**MARIA LUÍSA
TAVARES**

MÉDICA

Consultório:

Rua 15, n.º 315-1.º

ESPINHO

Marcações a partir das
17 horas, todos os dias, ex-
cepto às quartas, pelo telef.
922749.

CARLOS ALBUQUERQUE

PINHO

MÉDICO ESPECIALISTA
DOENÇAS DO APARELHO
DIGESTIVO
ENDOSCOPIA DIGESTIVA

Consultório:

R. 31 n.º 321 - Telef.: 924401
4500 ESPINHO

**CASIMIRO, DIAS
& CASIMIRO, LDA.**

ARMAZÉM DE MATERIAL
ELÉCTRICO

Sede e Armazém:

Rua 16 n.º 485
Telefone 922709
ESPINHO

**GRANDE CASINO
DE ESPINHO**

TELEF. 920238

PRESTÍGIO DE ESPINHO — ORGULHO DO NORTE

TODAS AS NOITES

NA BOÍTE (M/18 ANOS)

JANTARES - CONCERTOS E BAILE PELOS CONJUNTOS

Carlos Machado ☆ Grupo Quatro

VARIEDADES DA 1.ª QUINZENA DE NOVEMBRO

BALLET ANA - BARBERÁ - Ballet Espanhol
ANA ROSMANINHO - Fadista Portuguesa
THE TAMS - Acrobatas Ingleses

VARIEDADES DA 2.ª QUINZENA DE NOVEMBRO

BALLET ANA - BARBERÁ - Ballet Espanhol
VANINI - Cançonetista Italiana
MARINA - Contorcionista

*A nova Boîte do Casino
É MESMO uma maravilha*

SISTEMA ELECTRÓNICO DE CHAMADAS TELEFÓNICAS
EM QUALQUER LOCAL

**VISITE ESPINHO
RAINHA DA COSTA VERDE**



CAFÉ - RESTAURANTE e SNACK-BAR

COPÉLIA

COUTO & SOUSA, LDA. (Aberto até às 2 h. da manhã)

SERVIÇO À LISTA - PETISCOS E MARISCOS SEMPRE
FRESCOS - SALA PRÓPRIA PARA CASAMENTOS,
BAPTIZADOS, ETC.

Rua 23, n.º 808 - Telefone 923152 - 4500 ESPINHO

FÁBRICA

HÉRCULES

de AFONSO HENRIQUES, SUCRS., LDA.

INDÚSTRIA TRANSFORMADORA

MATÉRIAS PLÁSTICAS

Injecção - Compressão - Extorsão
Insuflação - Rotação - Vácuo

ENDEREÇO TELEGRÁFICO: HÉRCULES

TELEFONES: 920540-921098 — APARTADO: 40
- ESPINHO -

« HÉRCULES »

GARANTIA de FABRICO e QUALIDADE

LAVANDARIA

LAVAR



RIBEIRO, VALENTE & CA., LDA.
Rua 12, n.º 640 — ESPINHO
Telefone 923704

A MAIS AVANÇADA TÉCNICA
NA LIMPEZA E TRATAMENTO
DO SEU VESTUÁRIO

Limpeza a seco - Lavagem e secagem de
roupa branca, couros e antilopes
SERVIÇO RÁPIDO

CALÇAS CALÇAS CALÇAS CALÇAS CALÇAS CALÇAS CALÇAS CALÇAS CALÇAS CALÇAS

QUINZENA ECONÓMICA

SOFAL

DESCONTO DE 20% EM TODAS AS CALÇAS DE HOMEM
SENHORA E CRIANÇA

NÃO PERCA ESTA OPORTUNIDADE!

CALÇAS CALÇAS CALÇAS CALÇAS CALÇAS CALÇAS CALÇAS CALÇAS CALÇAS CALÇAS

PUBLICIDADE • PUBLICIDADE • PUBLICIDADE • PUBLICIDADE •

ESPINHO



SOLVERDE

UMA EMPRESA AO SERVIÇO DE ESPINHO
 E DO TURISMO NACIONAL
 MAIS DE DOIS MILHÕES DE CONTOS
 INVESTIDOS NO TURISMO

EMPES

RESTAURANTE ■ SNACK-BAR

O PADRINHO

Especialidades:
 - BACALHAU À PADRINHO
 E CABRITO ASSADO

Garcia Covelinhas & Soares, Lda.

Av. 24, n.º 697 - Tel. 920665 - 4500 ESPINHO



VENDE-SE

TERRENO PARA CONSTRUÇÃO JUNTO AO
 LICEU DE ESPINHO

Contactar telefones: 920722 ou 923389

SOCURAL

SOCIEDADE DE CONSTRUÇÕES E URBANIZAÇÕES, LDA.

TELEFONE 921602 — ESPINHO

Construção de apartamentos
 em Propriedade Horizontal
 Compra e venda de terrenos

Refrigerantes GRUTA DA LOMBA

AO SOL E À SOMBRA BEBA
 REFRIGERANTES GRUTA DA LOMBA

Agora com novos refrigerantes de
 MORANGO E PÊSEGO

GUETIM - ESPINHO

TELEF. 920588

Restaurante

ONDA Snack-Bar

ESPLANADA DO MAR
ESPINHO

TELEF. 922526

Serviço de Restaurante e
Snack até às 4 horas

Para o seu lar papéis pinta-
 dos laváveis COLOWALL.
 Plásticos para cozinhas e
 casas de banho, alcatifas, etc.

ORÇAMENTOS GRÁTIS

FERNANDO RODRIGUES
LIMA

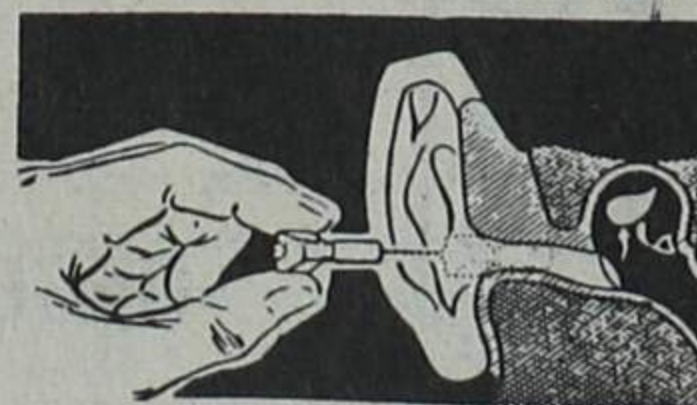
TELEF. 921739

Trav. da Rua 5 - ESPINHO

ATENÇÃO SURDOS DE ESPINHO

VOLTAR A OUVIR É VOLTAR A VIVER

A CASA SONOTONE estará convosco ao vosso serviço e inteiramente ao vosso dispor na:
GRANDE FARMÁCIA DE ESPINHO
 no dia 16 de Novembro (2.ª-feira), das 9 às 10 horas



onde vos apresentará a mais moderna e completa gama de aparelhagem auditiva
 para adaptação racional a cada caso individual: ÓCULOS AUDITIVOS-MODELOS
 DE BOLSO - MODELOS RETROAURICULARES - MODELOS PÉROLA IV e
 MIRACLE VI (usados dentro do ouvido sem fios nem tubos) e os sensacionais
 modelos populares.

A CASA SONOTONE facultá-vos gratuitamente e sem compromisso, exames audiométricos e experiências práticas.
 VISITEM-NOS no dia 16 (2.ª-feira) das 9 às 10 horas
 na GRANDE FARMÁCIA DE ESPINHO

CASA SONOTONE - Praça da Batalha, 92-1.º, PORTO - Poço do Borratém, 33 s/l - LISBOA



M MOREIRA OCULISTA

ÓPTICA - INSTRUMENTOS DE PRECISÃO

RUA 27, N.º 700 — 4500 ESPINHO

LEIA E ASSINE DEFESA DE ESPINHO

Fundado em 27 de Março de 1932 por Benjamim da Costa Dias ★ Propriedade da EMPES – Empresa de Publicidade de Espinho, Lda. ★ Redacção e Administração na Rua 26 n.º 601-2.º-Esq. – Apartado 39 – 4501 ESPINHO Codex – Telefone 921525 ★ Maquetagem da EMPES – Publicidade ★ Fotocomposição e impressão nas Oficinas Gráficas de «O Comércio do Porto», Avenida dos Aliados, 107 – 4008 PORTO Codex – Telefones 21021/2/3 ★ Tiragem média de 3.500 exemplares.

★ Director: Fernando Barradas ★ Redactores: J. M. Gabriel de Jesus e Paulo Malheiro ★ Fotografia: António Silva ★ Publicidade e Assinaturas: Fernanda Oliveira ★ Expedição: Carlos Santos.

★ Colaboradores principais: Agostinho Almeida, Araújo de Castro, Cadete Duarte, Manuel Rio, Margarida Fonseca e Napoleão Guerra ★ Correspondentes: Augusto Oliveira e Nuno Alão.

★ Expediente: de segunda a sexta-feira, entre as 9.30 e as 12.30 e entre as 14.30 e as 19 horas ★ Publicidade para a edição seguinte: até às 18.30 horas de segunda-feira ★ Publicidade de última hora: até às 12.00 horas de terça-feira.

FECHO • NO FECHO • NO FECHO • FECHO • NO FECHO • NO



FIM À VISTA



Cinemonografia revela qualidades de Alberto Pinho

Espinho é filho do mar. Tem das ondas a ansiedade De se expandir, de avançar: Assim cresceu: – E é cidade.

«Espinho Mar... Espinho Terra...» quase que se poderia resumir neste verso de um poeta que a terra conheceu por Beka e que se chamava Alberto Barbosa.

A película de Alberto Pinho, que um destes dias tivemos ocasião de ver no estúdio do novel realizador é, com efeito, um itinerário histórico de Espinho, que nasce do mar para a terra e evolui progressivamente para o antagónico.

Em jeito de documentário, esse primor de Alberto Pinho – que chamou a si, para além da realização, a fotografia, montagem e sonorização, bem como a adaptação do texto da obra do professor Sousa Costa «Espinho, a praia das nossas avós; a praia das nossas netas» –, este primor de Alberto Pinho, dizíamos, dá-nos belos recortes do passado e presente de Espinho, deixando ainda a perspectiva de uma imparável evolução da cidade.

Desde o pescador do Furadouro que ocorre até Espinho, à formação do pequeno aglomerado de palheiros, depois à bela descrição da pesca de arrasto e das alegrias e tristezas nela contidas, ainda à aparição dos primeiros banhistas, do caminho de ferro, de um sem número de outros factores incentivadores do progresso desta terra, passando pelas condicionantes desse mesmo progresso, como, principalmente, as invasões do mar e os dramas por estas arrastadas, «Espinho Mar...

Espinho Terra...» é um somatório de imagens de sonho, de recortes de rara beleza, uma multiplicação de efeitos técnicos, desde a mistura de imagens ao efeito de lentes, ao «relenti» ao «quickly». Mas esta demonstração das capacidades deste homem entra também na banda sonora: uma criteriosa selecção musical, uma série de efeitos que, aliados ao som estereofónico e à magnífica locução de Joaquim Júlio, mais nos encantam.

Uma palavra também para as participações especiais, mormente as de Manuel Loureiro e Manuel «Sansebas», um e outro, como os demais, simples amadores que, pelo trabalho de Alberto Pinho, nos aparecem como autênticos profissionais.

Quando vemos certos recortes de «Espinho Mar... Espinho Terra...», Bergman vem-nos à mente. Não estamos muito longe e, contudo, apenas presenciámos uma obra de um cineasta de horas vagas. Que, por falta de apoios, o continuará a ser. Será um talento perdido. E é pena.

Sendo em super 8, este filme está, à partida, impedido de entrar nos circuitos comerciais, como suporte. Daí que Alberto Pinho pense apenas passá-lo em escolas. Mas o filme precisa ser visto por todos os espinhenses. Pode, até, ser utilizado como propaganda turística de Espinho. Nisso têm a palavra os vereadores dos pelouros turístico e cultural da nossa Câmara. Não gostaríamos que 10 meses de trabalho, que resultaram numa película de inegável qualidade, acabassem ganhando teias de aranha numa qualquer filmoteca.

Finalmente, a estrada vai concluir-se. É verdade! De um momento para o outro e a confirmar informações por nós dadas anteriormente, eis que máquinas e homens se empenharam na demolição da casa que há longos meses vinha impedindo a finalização da tão desejada rodovia Espinho-Granja.

A foto, obtida um pouco antes do fecho da nossa edição, é bem elucidativa do ritmo dos trabalhos que, a continuar assim, dará a estrada por concluída dentro de muito pouco tempo.



ANTA: festa ao padroeiro

Estão a decorrer desde ontem em Anta os festejos em honra de S. Martinho, padroeiro da freguesia.

As festas abriram com uma salva de morteiros e hoje, quinta-feira, não está previsto qualquer espectáculo, ou manifestação de índole religiosa.

Amanhã, sexta-feira, e pelas 21 horas, dará entrada num palco instalado no Largo do Souto, o conjunto «Pop Top's» para abrihantar o serão até às 0.30 horas.

No sábado, haverá uma noite de folclore, com início às 21 horas, prolongando-se até às 0.30. Participam o Rancho de S. Martinho de Anta, a Secção Etnográfica do Grupo «Semente», o Grupo Folclórico de Perosinho e o Rancho de S. Tiago de Silvalde.

No domingo, e pelas 8 horas, dará entrada no Largo do Souto a Banda Musical de S. Tiago de Silvalde. Pelas 12 horas, far-se-á uma procissão, antecedida de

editorial

PARABÉNS!

Por **FERNANDO BARRADAS**

É o Sporting Clube de Espinho quem, indiscutivelmente, de forma mais directa e mais frequentemente, projecta Espinho aos olhos do mundo. Sendo o futebol uma força poderosa que semanalmente fornece matéria-prima para títulos e páginas de jornais, discussões de cafés, conversas de autocarros, horas de rádio e de televisão, o Sporting de Espinho, emparceirando com Benficas e Sportings, Portos e Belenenses, transporta a nossa cidade, entre uma defesa ou um pontapé na bola, a todos os cantos do país.

Claro que já sabemos que àa excelentíssima Câmara pouco importa a divulgação da Rainha da Costa Verde mas a Câmara não é, ao contrário do que deveria ser, o espelho do sentir da vontade das populações do concelho.

Está pois grato o concelho ao seu Sporting. À modesta humildade de um punhado de homens que corajosamente, ao pé coxinho, têm sabido manter com dignidade o bom nome da nossa terr

a Não será pois, demais, um amplo movimento colectivo de apoio ao nosso clube, o alargamento de um círculo de força que concentre ajudas e aplausos que ultrapasse a esmola de ocasião, pondo de lado interesses ou divergências pontuais.

A hora, de festa, deve perdurar. Para que todos os dias sejam de parabéns.

HÁ LANCHAS E LANCHAS

Fomos abordados pelo sr. Delfim Pereira Lancha, que se queixou de lhe serem atribuídos laços familiares à já célebre quadrilha Lancha. Apesar de a notícia que demos sobre mais uma «acção» dos larápios de palmo e meio conter os dados necessários para que se evitasse qualquer confusão, ainda assim aquele senhor foi abordado por pessoas que não tiveram pejo em conotar o nome do antigo presidente da Junta de Espinho, e da sua família, com os pequenos cadastrados. Francamente!



PORTE PAGO